

## Os 1.290 E 1.335 Dias de Daniel

Alberto R. Timm

A interpretação dos “1.290 dias” e dos “1.335 dias” de Daniel 12:11 e 12 respectivamente como 1.290 anos e 1.335 anos é antiga, podendo ser encontrada já entre os expositores judeus do século 8 d.C. Essa interpretação, baseada no princípio dia-ano (Núm. 14:34; Ezeq. 4:6 e 7), continuou sendo advogada pelos seguidores de Joaquim de Fiore (1130-1202), bem como por vários outros expositores, durante a pré-Reforma, a Reforma e a tradição protestante subsequente.<sup>1</sup>

Guilherme Miller (1782-1849), por sua vez, acreditava, em primeiro lugar, que tanto os 1.290 anos como os 1.335 anos haviam iniciado em 508, quando Clóvis obteve a vitória sobre os visigodos arianos, passo esse decisivo na união dos poderes político e eclesiástico para a punição dos considerados hereges pelo catolicismo medieval. Em segundo lugar, Miller cria que os 1.290 anos haviam se cumprido em 1798, com o aprisionamento do Papa Pio VI pelos exércitos franceses; e, finalmente, que os 1.335 anos se estenderiam por mais 45 anos até o término dos 2.300 anos de Daniel 8:14, entre 1843 e 1844.<sup>2</sup> Essa interpretação foi mantida pelos primeiros adventistas observadores do sábado,<sup>3</sup> transformando-se na posição histórica da Igreja Adventista do Sétimo Dia até hoje.<sup>4</sup>

Porém, em anos recentes, alguns pregadores independentes começaram a propagar o que consideram nova luz sobre os 1.290 e 1.335 dias de Daniel 12. Rompendo com a tradicional compreensão adventista, tais indivíduos alegam que ambos os períodos são compostos por dias literais, e não dias que representam anos, a se cumprirem ainda no futuro. Alguns deles sugerem que ambos os períodos iniciarão com o futuro decreto dominical; que os 1.290 dias literais são o período reservado para o povo de Deus sair das cidades; e que ao término dos 1.335 dias literais a voz de Deus será ouvida anunciando “o dia e a hora” da volta de Cristo.<sup>5</sup>

Por mais interessante que essa teoria possa parecer, existem pelo menos cinco razões básicas que nos impedem de aceitá-la.

### 1. A teoria se baseia numa leitura parcial e tendenciosa dos escritos de Ellen White

Um dos argumentos para justificar o cumprimento futuro dos 1.290 e 1.335 dias é a falsa alegação de que Ellen White considerava como errônea a noção de que os 1.335 dias já haviam se cumprido no passado. Alusões são feitas à carta que ela enviou “à igreja na casa do irmão Hastings”, datada de 7 de novembro de 1850, na qual são mencionados alguns problemas relacionados com o irmão O. Hewit, de Dead River. No texto original em inglês dessa carta aparece a seguinte declaração: *“We told him of some of his errors in the past, that the 1335 days were ended and numerous errors of his.”*<sup>6</sup>

Essa declaração deveria ser traduzida simplesmente como: “Nós lhe mencionamos alguns dos seus erros do passado, que os 1.335 dias haviam se cumprido e muitos dos seus erros.” No entanto, alguns defensores da nova teoria profética preferem substituir a conjunção “que” (inglês *that*) pela expressão “tais como” (inglês *such as*), alterando dessa forma o sentido do texto. Assim, eles conseguem fazer com que a sentença diga que entre os erros advogados por Hewit estava também a ideia de “que os 1.335 dias haviam se cumprido”.

Se a intenção de Ellen White era realmente corrigir o irmão Hewit por crer que os 1.335 dias já haviam se cumprido, permaneceriam as indagações: Por que Ellen White se limitou a corrigir, em 1850, de forma parcial e tendenciosa, apenas a posição desse irmão, sem qualquer repreensão aos demais líderes do movimento adventista que também criam que esse período profético já havia se cumprido em 1844? Por que ela não reprovou o seu próprio esposo, Tiago White, por afirmar na *Review and Herald*, ainda em 1857, que “os 1.335 dias terminaram com os 2.300, com o Clamor da Meia-Noite em

1844”<sup>7</sup> Por que ela não o repreendeu por continuar publicando na mesma *Review* vários artigos de outros autores, advogando a mesma ideia?<sup>8</sup> E mais, como poderia Ellen White haver declarado, em 1891, que “nunca mais haverá para o povo de Deus uma mensagem baseada em tempo. Não devemos saber o tempo definido nem para o derramamento do Espírito Santo nem para a vinda de Cristo”<sup>9</sup>

Evidências de que Ellen White cria que esses períodos já haviam se cumprido em seus dias podem ser encontradas também em suas declarações segundo as quais Daniel já estava sendo vindicado em sua sorte (ver Dan. 12:13) desde o início do tempo do fim.<sup>10</sup> Cremos, portanto, que o Dr. Gerard P. Damsteegt, professor do Seminário Teológico da Universidade Andrews, estava correto ao declarar que “já em 1850, E. G. White havia escrito que ‘os 1.335 dias haviam se cumprido’, sem especificar o tempo do seu término”.<sup>11</sup>

## **2. A teoria quebra o paralelismo profético-literário do livro de Daniel**

Para justificar o suposto cumprimento futuro dos 1.290 e 1.335 dias, os advogados da “nova luz” profética alegam, sem qualquer constrangimento, que o conteúdo da Daniel 12:5-13, onde são mencionados esses períodos, não é parte da cadeia profética do livro de Daniel. Porém, uma análise mais detida da estrutura literária do livro não confirma essa teoria.

O Dr. William H. Shea esclarece que, no livro de Daniel, cada período profético (1.260, 1.290, 1.335 e 2.300 dias) aparece como um apêndice calibrador ao corpo básico da respectiva profecia que lhe corresponde. Por exemplo, a visão do capítulo sete é descrita nos versos 1-14, mas o tempo a ela relacionado só aparece no verso 25. No capítulo 8, o corpo da visão é relatado nos versos 1-12, mas o tempo só ocorre no verso 14. De modo semelhante, os tempos proféticos relacionados com a visão do capítulo 11 só são mencionados no capítulo 12.<sup>12</sup>

Esse paralelismo comprova que os 1.290 dias e os 1.335 dias de Daniel 12:11 e 12 compartilham da mesma natureza profético-apocalíptica dos termos “tempo, tempos e metade de um tempo”, de Daniel 7:25, e as 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Assim, se aplicarmos o princípio dia-ano aos períodos proféticos de Daniel 7 e 8, também devemos aplicá-lo aos períodos de Daniel 12, pois todos esses períodos estão interligados, de alguma forma, e a descrição de cada visão indica apenas um único cumprimento para o período profético que lhe corresponde.

Além disso, a alusão em Daniel 12:11 ao “sacrifício diário” e à “abominação desoladora” conecta os 1.290 e os 1.335 dias não apenas com o conteúdo da visão de Daniel 11 (Dan.11:31), mas também com as 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 (ver Dan. 8:13; 9:27). O mesmo poder apóstata que haveria de estabelecer a “abominação desoladora” em lugar do “sacrifício diário” é descrito em Daniel 7 e 8 como o “chifre pequeno”, e em Daniel 11 como o “rei do Norte”.

Portanto, a tentativa de interpretar alguns períodos proféticos de Daniel (70 semanas, 2.300 tardes e manhãs) como dias que simbolizam anos, e outros (1.290 dias, 1.335 dias) como meros dias literais, é totalmente incoerente com o paralelismo profético-literário do livro de Daniel.

## **3. A teoria apoia-se em uma interpretação não bíblica do termo hebraico *tamid***

A teoria de que tanto os 1.290 dias quanto os 1.335 dias iniciam com o futuro decreto dominical é baseada na suposição de que, em Daniel 12:11, as expressões “sacrifício diário” e “abominação desoladora” significam respectivamente o sábado e o domingo. Mas também essa suposição carece de fundamento escriturístico.

A expressão “sacrifício diário” é a tradução do termo hebraico *tamid*, que significa “diário” ou “contínuo”, ao qual foi acrescentada a palavra “sacrifício”, não encontrada no texto original de Daniel 8:13 e 12:11. A palavra *tamid* é usada nas Escrituras em relação não apenas com o sacrifício diário do santuário terrestre (ver Êxo. 29:38 e 42), mas também com vários outros aspectos da ministração contínua daquele santuário (Êxo. 25:30; 27:20; 28:29 e 38; 30:8; 1 Crôn. 16:6). No livro de Daniel, o termo se refere, obviamente, ao contínuo ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial (Dan.

8:9-14). Já a expressão “transgressão assoladora” ou “abominação desoladora” subentende o amplo sistema de contrafação a esse ministério, construído sobre as teorias antibíblicas da imortalidade natural da alma, da mediação dos santos, do confessionalismo, do sacrifício da missa, etc.

Não podemos concordar com a teoria de que em Daniel 12 o “diário” representa simplesmente o sábado, e a “abominação desoladora”, o domingo. Para crermos dessa maneira, teríamos que esvaziar essas expressões do amplo significado que lhes é atribuído tanto pelo próprio contexto bíblico no qual aparecem, como também pelo consenso geral das Escrituras.

#### **4. A teoria reflete a interpretação jesuíta futurista da Contra-Reforma católica**

Os defensores da interpretação literal-futurista dos 1.290 e 1.335 dias alegam que sua posição é genuinamente adventista e plenamente sancionada pelos escritos de Ellen G. White. No entanto, se analisarmos mais detidamente o assunto à luz da História, perceberemos que essa teoria rejeita o historicismo e o princípio dia-ano da tradição protestante, para se alinhar abertamente com o futurismo literalista da Contra-Reforma católica.

Os reformadores protestantes do século 16 identificavam o “chifre pequeno” com o papado, do qual se originaria a “abominação desoladora” de que fala Daniel.<sup>13</sup> Foi para inocentar o papado dessas acusações que o cardeal italiano Roberto Bellarmino (1542-1621), o mais capaz e renomado de todos os polemistas jesuítas, sugeriu que o “chifre pequeno” era um mero rei e que os 1.260, 1.290 e 1.335 dias eram apenas dias literais a se cumprirem somente no período que antecederia o fim do mundo.<sup>14</sup> Dessa forma, o papado contemporâneo não poderia mais ser identificado como o “chifre pequeno” ou “rei do Norte” e, conseqüentemente, não mais poderia ser responsabilizado pela “transgressão assoladora” ou “abominação desoladora”.

Muitos dos defensores contemporâneos da interpretação futurista dos 1.290 e 1.335 dias desconhecem o comprometimento dessa teoria com o futurismo da Contra-Reforma católica. Mas, mesmo assim, tais indivíduos deveriam pelo menos reconhecer que “essas propostas futuristas repousam, essencialmente, sobre uma compreensão errônea dos padrões de pensamento da poesia hebraica”, e que “elas representam uma leitura do idioma hebraico através de óculos ocidentais”.<sup>15</sup>

#### **5. A teoria menospreza as advertências de Ellen G. White contra a tentativa de se estender o cumprimento de qualquer profecia de tempo para além de 1844**

Se essa teoria fosse correta, bastaria ser promulgado o decreto dominical, e já saberíamos por antecipação quando a porta da graça se fecharia e quando ocorreria a segunda vinda de Cristo. Essa é, por conseguinte, mais uma forma sutil e capciosa de se estabelecer datas para os eventos finais. Por mais originais e criativas que possam parecer, essas tentativas não passam de propostas especulativas, que desconhecem ou menosprezam, em nome de Ellen White, as suas próprias advertências sobre o assunto.

Já em 1850, ela escreveu: “O Senhor me mostrou que o tempo não tem sido um teste desde 1844, e que o tempo nunca mais será um teste.”<sup>16</sup> Posteriormente, acrescentou que “nunca mais haverá para o povo de Deus uma mensagem baseada em tempo”. “O Senhor mostrou-me que a mensagem deve ir, e que não deve depender de tempo; pois tempo não será nunca mais uma prova. Deus não nos revelou o tempo em que esta mensagem será concluída, ou quando terá fim o tempo de graça.”<sup>17</sup> Somente depois do fechamento da porta da graça, e pouco antes da segunda vinda, é que Deus há de declarar aos salvos “o dia e a hora da vinda de Jesus”.<sup>18</sup>

Comentando a expressão “que não haveria mais tempo” (Apoc. 10:6, *KJV*), em 1900, a Sra. White declarou: “Esse tempo, que o anjo declara com um solene juramento, não é o fim da história deste mundo, nem o tempo de graça, mas o tempo profético, que precederia o advento de nosso Senhor. Ou seja, o povo não terá outra mensagem a respeito de um tempo definido. Após este período de tempo, que se estende de 1842 a 1844, não pode haver qualquer cálculo definido de tempo

profético.”<sup>19</sup>

Sendo esse o caso, por que então continuar insistindo em reaplicar os 1.290 dias e os 1.335 dias de Daniel 12 para o futuro? Cabe somente a Deus julgar o grau de sinceridade daqueles que assim o fazem, mas uma coisa é certa: A “fé em uma mentira não terá influência santificadora sobre a vida ou o caráter. Nenhum erro é verdade, nem pode tornar-se verdade pela repetição, ou por fé nele. ... Posso ser perfeitamente sincera em seguir um caminho errado, mas isso não torna o caminho certo, nem me levará ao lugar que eu desejava chegar”.<sup>20</sup>

### Protegidos do engano

É evidente, portanto, que a teoria de um cumprimento futuro dos 1.290 e 1.335 dias baseia-se numa leitura parcial e tendenciosa dos escritos de Ellen White, quebra o paralelismo profético-literário do livro de Daniel, apoia-se em uma interpretação não bíblica do termo hebraico *tamid*, reflete a interpretação jesuíta futurista da Contra-Reforma católica, e menospreza as inspiradas advertências contra a tentativa de se estender o cumprimento de qualquer profecia de tempo para além de 1844.

Numa época em que os vendavais de falsas doutrinas estarão soprando com forte intensidade (Efés. 4:14), “para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mat. 24:24), só estaremos seguros se alicerçados sobre a clara e inamovível Palavra de Deus. Toda “nova luz”, para ser verdadeira, deve estar em perfeita harmonia com o consenso geral das Escrituras e dos escritos inspirados de Ellen White.<sup>21</sup> Os atalhas do povo de Deus jamais deveriam permitir que as conjecturas e as especulações humanas os impeçam de dar à trombeta o sonido certo (Ezeq. 33:1-9; 1 Cor. 14:8).

<sup>1</sup> LeRoy Froom. *The Prophetic Faith of Our Fathers*. Washington, D.C., Review and Herald, 1954, vol. 4, págs. 205 e 206.

<sup>2</sup> William Miller. *Evidences from Scripture and History of the Second Coming of Christ about the Year a.D. 1843, and of His Personal Reign of 1.000 Years*. Brandon, Vermont: Telegraph Office, 1833, pág. 31; Idem, *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ, about the Year 1843, Exhibited in a Course of Lectures*, Boston. Joshua V. Himes, 1842, págs. 95-104, 296 e 297; Idem, *Synopsis of Miller's Views, Signs of the Times*, 25/01/1843, págs. 148 e 149.

<sup>3</sup> P. Gerard Damsteegt. *Foundations of the Seventh-day Adventist message and Mission*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977, págs. 168-170.

<sup>4</sup> Ver Uriah Smith. *Synopsis of the Present Truth*, n° 12. Review and Herald, 28/01/1858; Stephen N. Haskell. *The Story of Daniel the Prophet*. Berrien Springs, MI, 1903, págs. 263-265; J. N. Loughborough. *The Thirteen Hundred and Thirty-Five Days*. Review and Herald, 04/04/1907, págs. 9 e 10; Uriah Smith. *The Prophecies of Daniel and the Revelation*. Washington, D.C., Review and Herald, 1944, págs. 330 e 331; George Price. *The Cretest of the Prophets: A New Commentary on the Book of Daniel*. Mountain View, CA, 1955, págs. 337-342; Araceli S. Melo. *Testemunhos Históricos das Profecias de Daniel*, Rio de Janeiro, RJ. Laemmert, 1968, págs. 727-729. Francis D. Nicho (editor). *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Washington, D.C. Review and Herald, 1977, vol. 4, págs. 880 e 881; Vilmar E. Gonzalez. *Os 1.290 e 1.335 Dias em Daniel 12*. *Revista Adventista*, 09/82, págs. 43 e 45; Hacques B. Doukhan. *Daniel: The Vision of the End*. Berrien Springs, MI, 1989, pág. 135; William H. Shea. “*Time Prophecies of Daniel 12 and Revelation 12 e 13*”, in Frank Holbrook (editor). *Symposium on Revelation – Book 1*. Daniel and Revelation Committee Séries, vol. 6, Silver Spring, MD, 1992, págs. 327-360.

<sup>5</sup> Victor Michaelson. *Delayed Time-setting Heresies Exposed*. Payson, AZ; Leaves-Of-Autumn, 1989.

<sup>6</sup> E. G. White. *Carta H-28, 07/11/1850*.

<sup>7</sup> James White. “The Judgment”. *Review and Herald*, 29/01/1857, pág. 100.

<sup>8</sup> J. N. Loughborough. “The Hour of His Judgement Come”. *Review and Herald*, 14/02/1854, pág.

30; Uriah Smith. "Short Interviews with Correspondents." Idem, 24/02/1863, pág. 100 e 08/09/1863, pág. 116.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 188.

<sup>10</sup> Idem, *Manuscrito 50, 1893; Carta K-59, 22/11/1896; Manuscrito 176, 04/11/1899; Manuscrito 10, 1900; Carta B-6. 17/01/1907.*

<sup>11</sup> P. Gerard Damsteegt. *Op. Cit.*, pág. 169.

<sup>12</sup> William H. Shea. *The Abundant Life Bible Amplifier*. Boise, ID. Pacific Press Association, 1996, págs. 217-223.

<sup>13</sup> LeRoy Froom. *Op. Cit.*, vol. 2, págs. 241-463.

<sup>14</sup> *Ibidem*, págs. 495-502.

<sup>15</sup> Frank Holbook. *Symposium on Revelation – Book 1*, pág. 327.

<sup>16</sup> Ellen G. White. *Primeiros Escritos*, pág. 75.

<sup>17</sup> Idem, *Op. Cit.*, vol 1, págs. 188 e 191.

<sup>18</sup> Idem. *O Grande Conflito*, pág. 640.

<sup>19</sup> Comentários de Ellen White em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pág. 971.

<sup>20</sup> Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 56.

<sup>21</sup> Idem. *Counsels to Writers and Editors*, págs. 33-51.

6/5/02

**Direitos autorais:** Revista *Ministério* – maio-junho/1999 – p. 16-18